Como sou,

o que sou,

porque sou quem sou...

*Leyla Silva*

*Como sou, o que sou, porque sou quem sou*, não é um livro de contos lindos, com personagens fantabulásticas! É sim, uma história (com *agá* maiúsculo, caso possa) da vida real, contada em páginas poucas ou não, de uma pessoa real: eu! Eu, que existo, e aqui estou, deslizando os meus dedos para sobrevoar os mais altos montes e relatar ao mundo a minha vivência, as minhas experiências, toda a minha essência. Eu sou porque sou quem sou, como sou e o que sou! Basta!

Lembro que não fiz a revisão, fui escrevendo o que fui lembrando e o que os dedos quiseram. A ordem cronológica de alguns fatos (ou factos) pode ter sido alterada. Posso ter escrito no português europeu e no brasileiro, é essa junção/fusão que vivo no momento. É a última tentativa de redigir a minha biografia. As personagens são reais, algumas você achará que não, mas não me importa!

Tudo o que vivi aqui está!

***O 4 de janeiro, que era para ter sido, março!***

De uma vida eterna, vim a uma, inicialmente, flauteada!
Uma doce bebê, que, dois meses antes do marcado, veio ao mundo para alegrar a família, tão sentida por cinco nados-mortos anteriores.
Lembro-me como se fosse hoje e há quem não concorde, mas a minha memória, as minhas reminiscências são bem claras e sobrepõem a qualquer negação que ma derem. Acabada de sair do ventre da minha mãe,depois de dias na incubadora, lembro-me da cena em que a avó Nazaré está a se despedir de mim, fazendo uma oração forte, abençoando a neta pelo nascimento, com um galho de arruda nas mãos e dizendo que era para cuidar bem da menininha, que mal cabia numa caixa de sapato! Sobrava espaço na caixa...
Meses depois, a avó partiu para muito longe, para aquele campo cheio de flores, lá no alto!

***Crescendo...***

E eu, tive o sinal do Universo que era para descer e tentar, tentar e tentar e ser! O destino reservava-me presentes e eu tinha de os apanhar! Mas eu ainda não sabia nada disso!

A minha família era a melhor do mundo, a minha casa era o mais perfeito lugar para se viver, o meu berço, grande, antigo e de madeira, era o meu espaço, o meu reduto por longas noites.

O pai, a mãe, o mano e a mana, dividiam-se entre mim e as suas tarefas diárias.

Penso que não era fácil cuidar de uma criança que nascera com 1,750kg , medindo 33 cm. Um anjinho cercado de cuidados e aninhado em todos os braços capazes e passíveis de a ter nos braços.

Um dia, um abraço desesperado me afagou com dureza! Foi o primeiro sinal de perigo!

Estava muito frio. E eu só ouvia a mãe gritar que eu estava roxa! Eu não sabia o que era essa palavra ainda! Eu nem imaginava!
Um carro parou e o meu  salvador pegou-me nos seus braços. De voz imponente, forte, avassaladora, meiga, acalentadora!  A mãe se acalmou e o pai sossegou! Hospital era o destino! Sr. Durval Biondi salvou uma criança em convulsão! Euzinha!

***Quem foi/é Durval Biondi?***

/ **RÁDIO** / Durval Biondi mantém programa na *Brasil* há 50 anos

Rogério Verzignasse
DA AGÊNCIA ANHANGÜERA
rogerio@rac.com.br

O quarto de casa ficou minúsculo para acomodar o acervo gigantesco. Ali mora Durval Biondi, de 74 anos, história viva do rádio campineiro. Apresentador de um dos mais antigos programas da Rádio Brasil (o *Campinas, Sábado à Noite*), Biondi continua na ativa, apesar de exibir o peito remendado após uma complicada cirurgia cardíaca.

## Radialista foi amigo do cantor Vicente Celestino

Um dos últimos representantes vivos da era romântica do rádio, Biondi mostra todo orgulhoso, numa agradável mistura de saudosismo e bom-humor, os preciosos discos gravados por ícones da música brasileira: Francisco Alves, Carlos Galhardo, Emilinha Borba, Sílvio Caldas, Linda Batista, Orlando Silva, Noel Rosa... Nossa, a lista é imensa.

Além dos acetados, gravados para toca-discos de 78 e 45 rotações (todos guardadinhos em ordem alfabética nas prateleiras adaptadas nas paredes do cômodo), Biondi tem cartas e discos autografados por todos aqueles ídolos. Deixa a modéstia de lado e fala, todo pomposo, que era amigo pessoal do fantástico Vicente Celestino.

***Fonte: http:/pro-memoria-de-campinas-sp.blogspot.pt/2009/03/personagem-durval-biondi.html***

***Moleca mirrada***

E assim fui crescendo!  Pouco, é verdade, mas tornando-me numa menininha esguia, fininha, negrinha de marcas brancas no rosto e trancinhas no cabelo. A mãe fazia questão de me vestir com roupinhas combinando . E eu adorava o vestidinho de veludo azul e o vestidinho branco de renda. Tenho álbuns a preto e branco com essas roupas na casa da mãe. Devem estar amarelecidas pelo tempo, mas contam cada historinha...

As manchas brancas no rosto? Diziam que eram vermes, alergia, lombriga, não sei até hoje o que eram! O sr. Natalino, da farmácia da Dr. Betim, a Cidinha e a Leda, fieis farmacêuticas, receitavam um líquido que ardia. A mãe passava no meu rosto e nada daquilo sair, sumir, desaparecer! E eu estava crescendo! E tinha vergonha! Era um pauzinho de virar tripa, com a face manchada, eu nem sei o que é um pau de virar tripa, mas ouvi alguém que gostava muito, amigo da familia, falar assim de mim! Eu me via assim!

Entrei no pré-escolar! Eu queria tanto estudar! Achava lindo a minha irmã e o meu irmão irem para a escola! Eu queria saber o que era escola! Eu queria logo ler! Eu queria escrever! E eles tinham tantos amigos! E se ir à escola era ter amigos, quem sabe eu podia conhecer amigos que me iriam acolher e amar como a minha família! E eu ia ler, eu ia escrever...
Eu estudei ali, na CEI Prof.Hilário Pereira Magro Júnior, na Luiz Silvério. era conhecido como "parquinho"! Foi ali que aprendi as primeiras letras com a Dona Lúcia. Era uma professora muito querida, mas que não aceitava ser chamada de tia. Fiquei decepcionada, porque os meus coleguinhas das outras turmas chamavam as professoras de tia. E eu queria ter uma tia, já que esse substantivo comum era para mim muito distante, porque a mãe tinha uma irmã que morava muito longe, em Minas Gerais, para onde comecei a passar as férias. Tinha, afinal,uma tia. Mas não era a que eu queria!

Um dia então, a mãe me falou que quando eu saísse do parquinho eu ia para uma escola de verdade! É porque eu detestava fazer pinturas e desenhos. Eu queria escrever e a Dona Lúcia queria que eu estivesse no ritmo de toda a turma!
A mãe disse que eu ia para ali, pro Júlio Mesquita ou pro Monsenhor Salim, que eram escolas onde os meus irmãos estudavam!
O Júlião, como chamamos ainda hoje, eu via de casa! E ficava sonhando com o dia em que eu ia pisar lá! Estudar, escrever, ler! Ter amigos! Parar de pintar e estudar de verdade!
Um dia, ouvimos polícia, bombeiro, foi um fuzuê só! O Julião pegava fogo! Saíam labaredas e fumaça das janelas do andar de baixo, se não me engano, das salas 5 e 6. E eu chorava! Como eu chorei aquele dia, dizendo que ia ficar sem estudar, que nunca mais ia pra escola, que não ia botar os meus pés no fogo, e patati , patatá!
O fogo apagou e o Júlião ainda existe! E sim, eu fui para lá!

***O meu primeiro dia de aula na escola de verdade!***

Se eu já era uma criança feliz com a família que tinha, fiquei completa! Fui pra escola!
A minha primeira sala de aula era, justamente, a sala por onde o fogo vermelho reluzente não saía das minhas lembranças. E até hoje! Mas mal sabia eu, que algo pior estava prestes a acontecer!
Eu adorei a escola no primeiro dia! Ah, por falar no primeiro dia, esqueci-,me de dizer que no meu primeiro dia no pré, tínhamos de fazer um exame de coração para saber se podíamos usar a piscina, exame biométrico, dentes, essas coisas, e eu, conheci o meu primeiro amor! Tive uma paixão de meia hora pelo médico! Mas era um homem tão lindo! Falei pro meu irmão, que contou pro médico, que riu, e todo mundo riu e eu fiquei com vergonha do doutor! Nunca mais olhei para ele!
Sou mestre em não olhar mais na cara das pessoas sem motivo algum ou por pouco motivo ou por motivo que me fere! Segue a vida!

Mas, aí,na minha primeira série, conheci uma professora loira, alta, linda, cheirosa, delicada. Ela foi me receber na porta. Colocou-me sentada ao lado da Cibele, da Edilaine e da Aline, minhas amiguinhas por uns bons anos! Que saudade de todas!
A professora permitia que a chamasse de tia. E eu adorava falar e chamar a tia Neli na minha carteira, aquelas antigas e pesadas!
Eu comecei a ler, escrever! Um dia, a tia Neli deu uma atividade de pintura, que eu detestava e ainda , desculpa a palavra forte, odeio! Era para desenhar a família e pintar! E eu desenhei a família e pintei. De que cor? Todos nós éramos verdes e as roupas eram vermelhas! E a tia Neli disse que não existiam pessoas verdes! Eu fiquei tão triste! Eu assistia filme de marcianos com o meu irmão, que era coisa da moda, e eles eram verdes! Eu não tinha noção, talvez, da cor da minha pele e achei lindo sermos verdes!

Minha mãe foi chamada à escola, mas como ela trabalhava muito na Marilene , e eu só sabia que a Marilene era a patroa da mãe, que mal parava em casa e a mãe era tipo a governanta da casa e saía de lá muito tarde, e o pai sempre estava ensaiando ou indo cantar nos clubes e a minha irmã já trabalhava na Telesp, o meu irmão, que trabalhava no Terminus, um hotel maravilhoso que tinha na Glicério, onde agora é o Magazine Luiza, foi ele.
A tia Neli pediu para me explicar sobre cor de pele e tal e para refazer o desenho. Mas eu fiquei tão p da vida, tão triste, tão desanimada, tão desiludida, tão, tão...que não refiz o desenho, O meu irmão o refez e ele mesmo o pintou.
Levei o dito para a escola e a tia Neli disse que estava perfeito e que podia ir para exposição! Eu já olhava para a tia Neli com outros olhos... mas mal sabia que os meus olhos, jamais iriam voltara ver a tia Neli,
Foi num feriado qualquer...

Foi num retorno do feriado, num domingo de noite, que aconteceu!
Na segunda de manhã, a caminho da escola, as mães todas voltando, para a casa, dizendo que não haveria aula. A escola estava de luto. Foi a mãe de um dos Marcelos que contou para a minha mãe, afinal, o que tinha acontecido! A tia Neli tinha partido com uma filha, se não estou enganada!
Foi num acidente de carro, voltando do feriado, aconteceu! Perdi a minha primeira professora, a minha tia!
Fiquei arrasada! Chorei tanto. Sempre fui chorona e dizia que não ia voltar mais pra escola, porque não tinha professora que substituísse a tia Neli. Não com essas palavras, mas acho que pensei isso!
Foi tão triste! Eu me lembro como se fosse hoje, que uma professora com um vestido verde e voz controladora e imponente, senhora alta, muito alta, perto do que eu era, despachava-nos no portão, também chorando, dizendo que, naquele dia, era luto! Luto! A escola estava de luto e eu nem sabia o que era! Mas entendi no coração!

**Cres-cer, querer ser!**

E eis que com o passar do tempo, logo comecei a ler e a escreve e a aprender: português, matemática, educação artística. Eu adorava o português. Composição era o que eu adorava fazer! Quando a professora dona Ruth Dechichi (já não podia chamar de tia de novo) pedia para fazer uma composição de cinco linhas, era o que eu adorava. Escrevia qualquer coisinha, mas para mim, valia tanto, que era como se tivesse publicado um livro!
A matemática nunca foi o meu forte. Passava noites com o meu pai ou o meu irmão me ensinando. O pai, que nem ao terceiro ano primário tinha chegado e o meu mano, que, na época, cursava Bioquímica! Eu não entendia patavina e nem fazia questão, mas na hora do visto nos cadernos, sempre tinha um Parabéns!

Desenhar, pintar, fazer retas, círculos, casinha, menininha, isso realmente não era da minha alçada, da minha imaginação, do meu quesito, do meu gosto, do meu feitio, embora a minha irmã comprasse sempre os melhores lápis de cor, aquelas caixas de 36 da Faber Castell.  As melhores canetinhas, a caixa de 12! Era uma grande tortura ter aula de educação artistica! Era o dia em que eu seguia para a escola mal humorada e voltava para casa pior ainda. Pintava de qualquer jeito para terminar rápido. Mas de vez em quando, até gostava de entrar nas competições que as minhas amigas faziam: quem pinta melhor! Mas logo desistia!

Um dia o pai chegou em casa com uma lousa pequena,  daquelas verdes bem antigas e um monte de giz branco, coloridos. Amei!

Comecei a fazer mil filmes na minha cabeça. Eu era professora, ensinava as primeiras letras para a mãe. No auge da minha compreensão cognitiva, eu não aceitava que a mãe não soubesse escrever.

A mãe contava que o vovô João nunca tinha deixado a mãe ir à escola. Dizia que escola era coisa de homem e que a mãe tinha que trabalhar, como doméstica, como fez grande parte da vida.

O vovô morava em casa. Era bem alto, bem secão, desses que mal olhava na nossa cara. Muito calado. O vovô falava muito numa única circunstância: quando estava com a crise de esquizofrenia. Isso vim a refletir e descobrir mais tarde o que era, porque a mãe dizia que a vó contava que o vovô tinha ficado assim porque uma vizinha da roça tinha feito coisa ruim e dado comida benzida pra ele comer. Eu não duvido, porque essas pessoas antigas têm muito disso para contar. A pessoa dava uma comida benzida (mal benzida, com macumba, como dizem) e o outro comia e a vida andava para trás, ou quem comia ficava doido, ou morria, coisas assim.

A mãe sempre me alertava para não comer nada que ninguém me dava! Começava, sem querer, o meu transtorno alimentar! Tinha medo de ficar como o vovô!

Quando o vovô tinha crise, a gente tinha que ir pra casa de uma vizinha, ou da dona Aparecida, senhora que eu amava, porque uma vez eu fui dama de honra dela, nas bodas de não sei quantos anos e ela fez um vestido tão lindo, branco, de crepe com um enfeite em verde com florezinhas vermelhas. E o bolo estava tão lindo! Tudo feito por ela. A arte e imaginação que eu não tinha, eu admirava naquela mulher! Ou íamos para a minha madrinha Odila, onde éramos da família, ou para a dona Rosa, a nossa costureira, que fazia umas bolachinhas de nata, das quais tenho saudade até hoje!

E então, o vovô , na crise, chegava com um facão, uma faca, qualquer coisa cortante e queria matar todo mundo de casa! A mãe chorava! Eu chorava! O pai quase nunca estava em casa. A minha irmã trabalhava muito, o meu irmão estudava e trabalhava. Eu e a mãe éramos sempre um alvo. Geralmente, a mãe conseguia avisar o pai e ele chegava correndo, não se de onde. Ou o Pedro, nosso irmão de criação, nos ajudava.

Era sempre a mesma coisa.  Eu já sabia que ia chegar a ambulância e levar o vovô pro Cândido Ferreira, como chamavam, o hospício! Naquela época, o vovô era considerado louco. Aliás, acho que todas as pessoas que tinham esse quadro de esquizofrenia eram considerados doidos. Quem usava drogas era doido também! Entendi isso quando assisti ao Bicho de Sete Cabeças.
Meses depois, o vovô voltava bom e depois, começava tudo de novo!
Um dia, a mãe estava tão preocupada com a condição dele, que me pediu para rezar ao Antoninho. Quem mora em Campinas e conhece o Cemitério da Saudade, sabe da história. Eu não entendia muito bem nada disso, mas a mãe sempre ia comigo ao túmulo do escravo Antoninho e dizia que eu ia alcançar tudo aquilo que eu quisesse, se eu rezasse com fé. Eu rezei naquele dia, pedindo para o meu avô melhorar!
A mãe me colocou na porta de casa e disse que se eu visse o vovô descendo a escada, era para correr pra cozinha, pra gente ir pra dona Aparecida pelo quintal.

Uma outra do cemitério eram as criancinhas, o túmulo de três crianças que também faziam milagres e eu rezava para elas tirarem a minha chupeta (eu mesma a tirei, eu acho, porque tive a minha amada chuca até aos 11 anos, até que, enjoei, por já estar na 5ª série e ser vergonhoso pra uma mocinha!)
Mas voltando, eu rezava fervorosamente pro vovô melhorar. Foi quando passou um senhor vestido de branco, negro, alto, magro, e como eu já tinha visto aquela fotografia antes, lembrei. Chamei a mãe e disse que o Antoninho estava me falando oi. A mãe correu, incrédula, eu acenava e ela nada via, fomos para a rua, e ele foi acenando até virar a esquina e a mãe não via ninguém. A mãe só chorava!
Não sei, mas o vovô nunca mais ficou doente. Chegou em casa, limpou a sujeira, jogou a lixaiada fora e foi fumar o seu cigarrinho de palha no cantinho habitual. A mãe começou a atribuir o fato de o vovô não ficar mais doente, à minha oração para o Antoninho. E eu comecei a pensar que eu era especial! Eu rezava e as coisas aconteciam!

**Manchas, marcas...**

Eu li O Cortiço, do Aluísio Azevedo. Eu amei essa obra, o João Romão com a sua Bertoleza, aquele lugar que era uma festa, uma briga, uma mistura de jeitos, sentimentos, caracteres, risadas, gritos, festa.
A minha casa era mais ou menos assim! Éramos cinco, nós três, a mãe, o pai. Mas eu me lembro de ter a casa cheia de gente, sempre!
O pai era carioca, nascido em Cordeiro, contava sempre que saíra da casa dele aos 9 anos, porque o vô José tinha falecido e a vó Valentina já morava com um senhor. O pai saiu andando pela rua e foi pego pelo SAM, que segundo ele, na época, era antiga FEBEM, agora,nem sei que órgão é o que cuida das crianças abandonadas ou que estão em risco ou que estão perambulando pelas ruas. Existe? Na época do pai existia e funcionava! O pai foi pego pelos assistentes sociais do SAM e levado para uma instituição.

O pai era um bom menino,  não queria voltar para casa, então, por bom comportamento, foi levado para Minas Gerais, pra uma cidade onde um padre criava muitos meninos. O pai foi para Boa Esperança e aos 15 anos, conheceu uma mulata linda, de olhos verdes, andava com as roupinhas a condizer. Tudo combinava. Corpinho de violão. Mulher, menina, mocinha cobiçada por jovens e senhores da cidade. Por lá a mãe cuidava dos filhos da Fia e do sr. Ary, uma família que amamos incondicionalmente.

A mãe cuidava das crianças, da casa, e algumas vezes ia na loja de tecidos do sr. Ary. E a mãe conta que tinha sempre um jovem olhando pra ela, mas ela não gostava muito dela.Ela gostava de um negão bem preto, de nariz amassado, a quem ela sempre chamou de "o falecido" e por quem o pai sempre nutriu grande raiva e ciúme.

Não sei porque arcas d'água a mãe começou a namorar o pai, que pediu a mãe em casamento e ela aceitou. O pai era muito boêmio já naquela época, mesmo morando com o padre e cuidando de jovens.

E a mãe disse que começou a montar o enxoval, marcou o casamento e o pai deu no pé! Ficou sumido por uns tempos. A mãe picou todo o enxoval e deu o vestido para a irmã dela, que ia casar. A mãe disse que foi muito doloroso, mas logo ela ultrapassou isso, porque era cortejada por n rapazes e se orgulhava muito disso! Até há pouco tempo, antes do Alzheimer, quando alguém dizia que ela era bonita, ela saía logo com um: foi porque não me conheceu quando eu era moça! E ria, ria muito! A mãe é linda e , naquela época, se tivesse sido descoberta, podia ter sido modelo, porque sempre foi muito esbelta! Tinha porte!
A mãe então, foi convidada para se mudar para a Espanha,não sei com quem, e casar com não sei quem também. Ela estava entre o ir e não ir, quando o pai apareceu, pediu perdão e a mãe aceitou e casou com o pai e juntos foram cuidar do orfanato, aliás, patronato. Passaram pelas mãos da mãe e do pai o Dadá Maravilha e os irmãos, um cantor que foi muito famoso na época e várias outros anônimos.

O pai sempre teve um espírito aventureiro e nunca quis estabelecer num lugar só. Então, já com o meu irmão nascido, a minha irmã e mais quatro meninos do orfanato, resolve que é o momento de mudar de cidade, já que o padre Chico partira e a cidade, o estado e a igreja sequer beneficiaram os meus pais por terem cuidado tanto tempo de algo que nem deles era! Dizia o meu pai e a minha mãe, que aquela casa na frente da prefeitura municipal de Campo do Meio, é nossa, por lei! E que aquele terreno onde era o patronato, em Boa Esperança, também tem uma boa parte que é nossa. Eu já quis ir atrás, mas disseram para eu deixar para lá! Há mistérios nisso tudo! Sei lá! Nem sonho, na minha grande e vã filosofia!
Um dia o Tião, amigo do pai, convidou-o para ir pra Campinas, terra prometida, reduto de mineiros, naquela época. E lá foi o pai espiar. Comprou um terreninho, esperando construir e ir buscar a mãe e o Tião comprou um terreno já com uma casinha, no Jardim dos Oliveiras. Conversaram! Trocaram, tudo registrado num papel de pão, com a letra do Sebastião e a assinatura do pai!

Foram pra Campinas, morar na casinha de dois cômodos e aos poucos o pai construía mais um e mais um e mais um e punha uma escada aqui e mais um degrau ali, e já eram 23, só para entrar na primeira casa. Quando eu nasci, já tínhamos a casa de seis cômodos e os três cômodos dos fundos. Morou muuuuuuuuuita gente naqueles cômodos dos fundos! Muita!

Na minha casa, mês a mês, aparecia alguém de Minas pedindo abrigo. A mãe e o pai oferecia comida e sofá ou um colchão e a pessoa ficava. Ou ficavam famílias inteiras! Até que essas pessoas foram alugando casas perto de nós. Dadá, Da Paz, Euzita, Nabor, pessoas que eu nem vou citar, porque sei que para eles dizer que moraram em casa, naquele cortiço, é sinal de vergonha. Os meus pais ajudavam a todos, acolhiam e as pessoas ainda saíam falando maledicências. Qualquer semelhança com a Leila que ajuda o mundo e o fundo, é coincidência mera!

O pai fazia o serviço de pedreiro, pintor, encanador, eletricista, tudo! Mas o pai era cantor e baterista!

Eu cresci com o pai fazendo ensaios em casa. Adorava pegar o microfone e testar: alô, som! E eu ria! E a mãe não aguentava aquela barulhada toda. E a banda ia em casa. E o pai ensaiava. E o pai passava dias e noites tocando fora da cidade. Até que o pai entrou na banda do Orestes Segálio, da Câmara Municipal de Campinas. Eu adorava, porque a banda tocava sempre no Play Park,do Shoppping Iguatemi e o meu pai me levava todos os sábados. Eu gostava tanto! Ficava ali sozinha, sentada,contemplando o pai. E eu já era ensimesmada naquela época, não gostava de brincar com as crianças,porque eram crianças demais para a minha idade e dos que eram da minha idade,eu não gostava de estar com eles, porque eram crianças demais! Eu já tinha sonhos,projetos, ficava ali criando histórias. Acho que eu era um típico caso daquela música "coisa de maluco,não, ah,é coisa de maluco"! Até que um dia, eu sentada num banco e veio um senhor, que se sentou ao meu lado e perguntou se eu estava sozinha.Disse que estava com o meu pai, que era aquele da banda. O senhor esperou o pai tocar e foram conversar.

Alguns dias depois, o tal senhor esteve em casa pra falar também com a mãe. Lembro que eu já tinha uns 8 anos, negrinha, magérrima,uma tripa,um palito,com as mesmas manchas na cara,mas já sumindo, usava trancinhas, roupas combinando e era bem séria,não sorria pra ninguém! Tá! O homem conversou com  a mãe e o pai, a mãe disse não, o pai concordou e o homem foi embora desolado! Fiquei sabendo depois que ele me observava muito ali no shopping e procurava uma criança para fazer par com o Sebastian, do "Abuse e Use, C&A"! A minha mãe e o meu pai não quiseram que eu entrasse no mundo da televisão! Acho que tinham medo de tanta coisa que se passava com crianças que iam para a TV,um submundo do qual desconfiamos e não é preciso ser inteligente para sabermos que há vitórias, fracassos,muitos riscos. Mas e se tudo tivesse dado certo? Mesmo carrancuda,eu era meiguinha e já chamava a atenção desde criança. Todo mundo me adorava,mas acho que era mais porque eu era a menina que tinha nascido de sete meses e que ou seria inteligente demais, ou retardada,coitada! Estava no retardada naquela época, sem ofensas.